

Conferência  
*A síndrome do bom rapaz*

### Uma experiência essencialmente plural

Por Luciana Thomé

Escritor reconhecido por sua sensibilidade e prosa lírica, o português Valter Hugo Mãe destaca-se no panorama da literatura em língua portuguesa por seu ecletismo e seu carisma. Em sua conferência no *Fronteiras do Pensamento*, no Salão de Atos da UFRGS, em Porto Alegre, protagonizou uma conversa ao mesmo tempo bem-humorada e sensível com a plateia, na qual expôs suas ideias sobre a contemporaneidade, além de contar episódios sobre a sua infância e fazer reflexões a respeito da vida como uma experiência essencialmente plural.

Antes de ler um texto que classificou como “estranhíssimo”, Mãe falou sobre aquilo que considera ser a grande justificativa para tudo o que se enfrenta na vida: o outro, pois ninguém encontra uma resposta para a sua vida em si mesmo. Segundo ele, é preciso acabar com a tirania da individualidade, porque nossa identidade nunca é autônoma ou autossuficiente. “A nossa identidade é sempre coletiva. Nós nunca somos gente sem a imersão no coletivo. Desde que nascemos, e nascemos imprestáveis e improcedentes, uma porcaria bela e sem valência nenhuma, não sabemos fazer nada, nem quem somos ou o que somos, e por que estamos eventualmente vivos. Imediatamente, somos atendidos por esse coletivo. Se não tiver essa relação, não existe o indivíduo, ele não vai acontecer.” Abordando o tema da temporada 2015 do *Fronteiras do Pensamento*, afirmou que nós resultamos da alteridade e que não há como não viver juntos, pois a humanidade não pode ser concretizada na profunda solidão. “Eu abordo isso no romance mais recente que publiquei, *A desumanização*. O pai da garota que vai contando a história diz: ‘Quem opta constantemente pela solidão opta por deixar de ser gente’. Porque esse não é efetivamente o sentido da vida ou o propósito da humanidade.”

Como ser humano propenso ao carinho e à afetividade, ele considera a síndrome do bom rapaz a sua mais grave patologia. Na infância, sofreu de uma doença de pele que lhe provocava feridas nas mãos. Uma tia, muito religiosa, convenceu a mãe a levá-lo à capela de São Bento. Mesmo sem saber rezar, estava ele convencido de que seu pedido resultaria em milagre. Na manhã seguinte, acordou sem as ataduras e sem feridas ou cicatrizes. “Foi o que pedimos. Era normal que nos fosse concedido. Ainda que eu pudesse seguir com a minha ignorância elementar de criança, havia qualquer coisa que me puxava e que me estigmatizou, como obrigando-me a ser um bom rapaz. Todos os meus amiguinhos podiam fazer asneiras e ser malcriados, todos podiam ter namoradinhas, e eu estava mais ou menos obrigado a ser um bom rapaz. O que até certo ponto era horrível”, lembrou.

Apresentação



Patrocínio



Parceria Institucional



Universidade Parceira



Promoção



Parceria Cultural



Empresas Parceiras



Isso o levou a contemplar tudo como se fosse um milagre. Mas, exageros à parte, também fez com que fosse, em suas palavras, “a criança mais roubada e enganada da história da humanidade”. “Minha tragédia é a lucidez perante quem sou e perante o que posso ser. Eu sei sempre do que tenho medo e o risco que corro a cada instante. Sou perfeito para fazer apenas o que parece responsável, o que me torna chato até para mim mesmo.”

No entanto, é corajoso para confessar que, mesmo sob disfarce ou sem entender, todos esperamos por alguém. “A vida está inteiramente inventada como a experiência de um plural. A singularidade só é boa, ou profundamente justa, se for o combustível desse plural. Para a solidão caminham apenas os que viram algo dar errado. Procurar pessoas é tentar dar certo. Encontrar pessoas é dar certo. Amar e ser amado por pessoas é existir certo.”

Ao mesmo tempo, o escritor reconheceu que é muito dedicado aos amigos, em uma relação que nem sempre é recíproca, envolvendo uma dedicação para com gente que talvez nem goste dele. Alguns filósofos falam sobre o definitivo desaparecimento do outro, com as relações estabelecidas por plataformas virtuais. “O desaparecimento do outro tem que ver com a individualização extrema de cada um, criando a ilusão de que há um sentido na vida que se dirige para o isolamento e a plena autossuficiência. De alguma forma, parece que estamos nos despedindo da humanidade”, afirmou.

Mãe acredita que o seu posicionamento de bom moço funciona como uma forma de resistência, para acreditar que a humanidade não termine ou que regresse, dando lugar à ressurreição de um novo paradigma. “Não quero nunca odiar uma pessoa e por vezes odeio o não poder odiar, isso fica muito confuso na minha cabeça. Quem odeia o não poder odiar é porque odeia. De qualquer forma, sei que a minha pulsão é contrária. Eu quero sempre amar. Isso é o mesmo que dizer: eu quero sempre ser gente.”

O escritor enfatizou que prefere acreditar que a humanidade vá melhorar, mesmo que demore ainda muitas gerações. Assim, para continuar a “ser gente”, escolhe manter a boa-fé. “O mais admirável nas pessoas é isto, manterem-se de boa-fé mesmo depois de todas as agressões, desamores, desconfianças, desilusões, fomes, adiamentos, perdas e ignorâncias. É muito mais fácil desenvolver uma má vontade do que manter a atitude positiva. É muito mais fácil passar a agredir do que elogiar. Por isso que a agressão é para os fracos. Os verdadeiramente fortes exercem ainda a generosidade”, completou. Para ele, as pessoas só poderão aspirar a uma melhoria se cuidarem umas das outras.

Ser gente, para Valter Hugo Mãe, é, antes de qualquer acordo e autodeterminação, estar em plural, em coletivo. “A solidão é uma coisa inventada e nunca será o sentido da vida de alguém. À pergunta como podemos viver juntos, devemos responder ‘como podemos não viver juntos?’. Antagonizarmo-nos é, paulatinamente, deixarmos de ser”, declarou, finalizando a conferência.

No debate, o escritor falou sobre a morte e como considera desnecessário justificar a nossa existência pelo que acontecerá no além, pois seria injusto que a nossa experiência de estar vivo valesse algo apenas após a morte. “Eu vejo a morte como uma grande oportunidade. Ou vai nos levar à transcendência e nós vamos viver todos felizes nas nuvens – numa temperatura parecida com a do Brasil, onde o inverno é ótimo –, e existe esta transcendência de fato com alguém nos esperando, ou não existe absolutamente nada e

Apresentação



Patrocínio



Parceria Institucional



Universidade Parceira



Promoção



Parceria Cultural



Empresas Parceiras



nós vamos sossegar totalmente. Porque não teremos mais angústias, não teremos nada. A morte me parece uma coisa que nós tememos porque não nos foi revelada. Mas ela não dói, não vai doer. Morto não sofre mais”, disse. Explicou que, devido à sua infância e o que se esperava dele, a primeira pessoa que queria convocar era Deus. Por este motivo, seu primeiro livro, o nosso reino, é uma grande provocação. “Porque é um ganho de consciência, e acho que, antes de convocar Deus, nós precisamos convocar os homens. A gente só tem legitimidade para acreditar em Deus depois que acreditarmos nos homens. Este é o nosso desafio. Enquanto não conseguirmos estabelecer uma harmonia respeitosa entre uns e outros, até é bom que Deus nem exista. Ele ficaria muito zangado conosco. Eu não sei se Deus existe. Talvez acredite mais em São Bento”, brincou. Para ele, é hipocrisia fazer o bem só por se acreditar que exista um deus supremo. Agir de forma ética e moral deve ser uma convicção e não uma forma de subornar a compaixão de Deus.

Sobre a literatura, classificou-a como um modo de superação. “Escrever, para mim, é um ato de aspiração à revelação. A gente escreve à procura de uma revelação para nós mesmos. O escritor está à espera de ficar perplexo com aquilo que escreve. E o que escreve é sempre muito mais do que poderia esperar. Um livro é um pensamento amadurecido. A literatura sempre supera aquilo que nós somos”, definiu. Também falou a respeito do confronto e do deslocamento que espera encontrar nos livros. “A literatura só é arte se atinge esse patamar. Se for algo suave e que não nos retira do nosso conforto, não é obra de arte. É apenas um relato. A literatura precisa colocar em perigo o conforto do leitor. Para que o leitor sinta que ler aquele livro pode mudar alguma coisa. Pode ter implicações na sua própria conduta. E é isso que vale a pena.”

O grande desafio para Valter Hugo Mãe está em aprender a conviver com os defeitos do outro e até mesmo valorizá-los. “A literatura é uma ficção. Ela não é verdade. Ela sonha muito com a verdade. E a vida real tem essa tragédia de ser. Por mais que queiramos introduzir a literatura na vida real e fazer contos de fadas, precisamos suportar os defeitos dos outros. Chegar a adorar o defeito do outro. Aquilo que é eventualmente um senso comum, ou defeito, pode ser uma virtude para quem se ama. E este é o maior desafio: suportar os defeitos e entrar na vida do outro como um complemento para aquilo em que o outro vai falhar. Não há nada mais gratificante do que a pessoa que nós amamos ser protegida por nós.” O escritor fez críticas à crise na Comunidade Europeia e falou sobre como perdeu o direito à ignorância sendo um escritor conhecido. “O escritor perde o direito à ignorância. As pessoas perguntam tudo, como se eu devesse saber tudo. E eu fico muito pra baixo”, contou relembando uma entrevista de 2011, quando um jornalista perguntou o que ele achava de *Vidas secas*, livro de Graciliano Ramos. “Eu fui ler e senti mais vergonha ainda. Como é que eu não li esse livro e tive a ousadia de publicar um livro no Brasil sem ter lido *Vidas secas*? Provavelmente, vou ter essa ignorância sobre muitas coisas ainda.”

Apresentação



Patrocínio



Parceria Institucional



Universidade Parceira



Promoção



Parceria Cultural



Empresas Parceiras

